

Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil

Biographical studies and their contribution to research into the history of Physical Education and sports in Brazil

MACEDO CG, GOELLNER SV. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil. **R. bras. Ci. e Mov** 2013;21(3): 157-165.

Christiane G. Macedo¹
Silvana V. Goellner¹

¹UFRGS

RESUMO: Este texto discute a contribuição da biografia como fonte para estudos historiográficos em Educação Física e esportes. Parte da premissa de que sua utilização pode evidenciar trajetórias individuais e coletivas que servem não apenas para justificar o passado, mas para interrogá-lo visando aprofundar conhecimentos sobre um tempo que já transcorreu e que conhecemos apenas a partir daquilo que ficou registrado. Apresenta uma breve trajetória da biografia como gênero para defender seu uso como fonte que pode promover a emergência de outras histórias e memórias.

Palavras-chave: Biografia; História; Esporte; Educação Física.

ABSTRACT: This paper discusses the contribution of biography as a source for historiographical studies in Physical Education and sports. It is grounded on the premise that the use of biography may evidence both individual and collective trajectories that are not only useful to justify the past, but also to question it by deepening knowledges about a time that has past and that we know only from what has been recorded. The paper presents a summarized trajectory of biography as a genre, in order to advocate its use as a source that can favor the emergence of other histories and memories.

Key Words: Biography; History; Sports; Physical Education.

Enviado em: 25/08/2013
Aceito em: 30/08/2013

Contato: Christiane Garcia Macedo - chrismacedo@gmail.com

Introdução

Como gênero literário a biografia tem conquistado espaço nas estratégias de publicação e venda de editoras e livrarias ampliando, significativamente, o número de leitores e aficionados com um percentual aproximado de 30% do faturamento de grandes empresas, como por exemplo, a Livraria Saraiva¹. Ainda que bastante visibilizada no presente, a sua produção é de longa data e narra trajetórias particulares de sujeitos cujas vidas tornaram-se públicas. No campo esportivo é possível identificar uma vasta produção, parte dela, direcionada para personagens que conquistaram notoriedade no esporte, sobretudo, como atletas de alto rendimento.

Apesar da profusão de publicações, muitas delas escritas por jornalistas, no campo acadêmico-profissional da Educação Física brasileira, estudos biográficos ainda figuram como uma possibilidade. Considerando tal cenário, este texto discute a biografia como fonte de estudos historiográficos na medida em que sua utilização pode evidenciar histórias individuais e coletivas que servem não apenas para justificar o passado, mas para interrogá-lo visando aprofundar conhecimentos sobre um tempo que já transcorreu e que conhecemos apenas a partir daquilo que dele ficou registrado.

A biografia como fonte para a pesquisa histórica

“O biógrafo é um voyeur”²

A biografia constitui-se como um gênero literário que apresenta formas e textos diversos que abrigam “desde um verbete em dicionários de figuras políticas, literárias, até relatos em filmes, documentários, programas de televisão, etc.”². Seus usos mais comuns encontram-se relacionados à literatura e ao jornalismo e, em grande medida, a narrativa é produzida de modo a apresentar a pessoa biografada a partir de uma linha cronológica que coloca em evidência suas vivências, experiências, estados de espírito, conquistas e frustrações.

Considerando o seu potencial pedagógico para o campo acadêmico-profissional da Educação Física brasileira, interessa aqui analisar a biografia como uma possibilidade de produzir conhecimento de cunho historiográfico ampliando assim o leque de fontes capazes de dar a ver um tempo que já aconteceu e que conhecemos pelo que ficou registrado³. Para tanto acatamos a noção de que

A biografia histórica é uma reconstrução de uma vida humana, e uma representação de uma história individual. Portanto, a noção de biografia engloba mais do que a representação pura de uma vida. Ela abrange tanto os eventos de uma vida, sua narrativa, quanto a interpretação de suas características (tradução livre)⁴.

Em que pese essa afirmação, diferentes autores tem identificado modos distintos de produzi-la e usá-la. Para Schmidt⁵, a forma de escrever biografias varia de acordo com os diferentes períodos históricos nos quais foram construídas e, mesmo que esses períodos não sejam herméticos e não tenham um recorte temporal tão determinado, há que se considerar algumas características que os definem. Autores como Possing⁴, Silva⁶, Carino⁷ e Schmidt⁵ indicam que no campo historiográfico a produção de biografias se divide em três grandes estilos resultantes de períodos temporais distintos: a biografia clássica (ou idade heróica), a biografia romântica (ou realista, ou modal) e a biografia moderna (ou idade hermenêutica, ou presentismo).

O primeiro deles está relacionado à Antiguidade com forte influência de historiadores e filósofos gregos tendo como marco inicial a obra “Vidas Paralelas” de Plutarco (45-120 D.C.) na qual figura a biografia de gregos e romanos ilustres. Outros trabalhos deste período inicial seriam: *De Vita Agricolae* (Tacitus, 98 D.C.), *Biografia dos Filósofos Gregos* (Diogenes Laertius, Século III) e *De Vita Caesarum* (Svetonius, 121 D.C.)⁴.

Esse período foi marcado pela busca no passado de exemplos considerado como positivos para guiar o presente⁵. Segundo Possing⁴, “O objetivo [das biografias] era inspirar didaticamente o público geral

em se tornar um sujeito de atuação ética” (tradução livre). Forma essa que o Cristianismo também assumiu ao privilegiar as hagiografias (biografias dos santos) que, grosso modo, continham o objetivo de se tornarem exemplares para o fomento das atitudes morais que eram valorizadas na época.

Uma crítica a este modo de produção biográfica desponta no final da Idade Média, período no qual a racionalidade e a busca pela realidade entram confronto com a mitificação e a estereotipização dos biografados. Ganha espaço, a partir de então, o segundo período das biografias, chamadas de românticas ou realistas, que continuam a destacar as virtudes dos sujeitos sob análise mas também os seus pecados e vicissitudes.

O que se verifica, portanto, é a constituição de um novo regime de historicidade no qual cabe ao futuro esclarecer o passado⁵.

A obra “*Confissões*” de Rousseau, produzida na segunda metade do século XVIII, seria exemplar dessa nova configuração biográfica, pois a vida do sujeito é narrada considerando também os seus vícios, o que demonstra certa ruptura com os padrões literários do período clássico posto que figuram “como características acentuadas a busca da intimidade, da sensibilidade, da emoção”⁷.

Apesar dessa característica, o uso da biografia romântica ou realista ainda está muito atrelada à literatura sendo, a biografia, praticamente exilada da produção historiográfica. Segundo Schmidt⁵,

O Século XIX foi marcado pela discussão a respeito do papel do indivíduo na História. Essa, à medida que se constituía como uma disciplina autônoma e com pretensões científicas, acabou menosprezando o estudo de trajetórias individuais, estigmatizando a biografia como um gênero menor, mais próximo do anedótico e do antiquarismo dos amadores.

A discussão sobre o papel do indivíduo e também a tendência de focar o futuro como tempo privilegiado nas análises biográficas conduziram outros modos de produzi-las. Para Schmidt⁵ baseado em Hartog, o terceiro regime, chamado de período das

biografias modernas ou de “presentismo”, destaca um único tempo passível de análise: o tempo presente. Tal novidade não seduziu os historiadores de modo imediato. Segundo Del Priore⁸, o desinteresse pela biografia nessa área de conhecimento justificava-se, inicialmente, pela valorização de estudos sobre as massas diminuindo, assim, o papel do herói, personagem outrora destacado na narrativa historiográfica. Já para Schmidt⁹ tal desinteresse resulta ainda da tentativa de se afastar da literatura, da sua estrutura e construção narrativa.

A década de 1980 foi particularmente interessante à inserção da biografia no campo da pesquisa historiográfica em função das próprias alterações epistemológicas que aconteceram na área. Consolida-se a “virada biográfica”, influenciada por estudos advindo dos feminismos, de correntes pós-modernistas e de teorias relacionadas à raça e etnia⁴. Esses campos permitiram que tanto a biografia ganhasse maior visibilidade como os próprios sujeitos biografados considerando ainda sua identidade de classe, de gênero, de raça, de nacionalidade e de geração.

Vale ressaltar que a divisão apresentada pelos autores que analisam a biografia na pesquisa historiográfica não implica afirmar que cada período produziu narrativas biográficas específicas e circunscritas às suas principais características. Sua divisão busca ressaltar que existem diferenças e estas estão relacionadas com seu contexto de produção. Igualmente, possibilita entender a fragilidade de tais demarcações inclusive porque nos dias de hoje é possível encontrarmos textos de cunho biográfico que apresentam características pertinentes aos três períodos abordados.

O historiador Peter Burke¹⁰ chama a atenção para duas diferenças fundamentais entre os períodos clássicos e o período moderno no que tange à produção de biografias com cunho histórico: a questão da exemplaridade e do pressuposto de que a personalidade é estática. Ou seja, no período moderno o relato biográfico não aparece necessariamente como um

exemplo de moral a ser seguido; passa a representar seus personagens não com uma cadeia de acontecimentos racionais, lineares, lógicos e claros, mas torna visível seus desvios, retrocessos e inconsistências.

Tal ruptura relaciona-se à crise do paradigma estruturalista no âmbito da produção historiográfica, que ao se afastar do paradigma marxista, possibilitou espaço para que o indivíduo emergisse como sujeito^{5,11,12}. Dessa crise emergiram algumas correntes da historiografia tais como a nova história, a micro-história, a psico-história e nova história cultural⁹. Esse movimento provocou uma mudança de foco sobre a escolha dos sujeitos biografados: não apenas reis, príncipes e santos, mas também pessoas comuns com experiências que contemplavam o acaso e as contradições presentes na vida humana incorporando ao gênero biográfico um novo aspecto, identificado por Possing⁴, como o da desmitologização de protagonistas. Segundo Mary Del Priori⁸,

não se tratava mais de fazer, simplesmente, a história dos grandes nomes, em formato hagiográfico – quase uma vida de santo –, sem problemas, nem máculas. Mas de examinar os atores (ou o ator) célebres ou não, como testemunhas, como reflexos, como reveladores de uma época.

Em que pese essas diferenciações em torno da produção de biografias e o deslocamento de seu foco (não mais centrado apenas nos sujeitos ilustres), sua utilização como fonte não é unânime entre as diferentes correntes teórico-metodológicas que compõe a historiografia. Para Schmidt⁵,

Uma das críticas mais comuns dirigidas às biografias é a de que elas seriam meras narrativas cronológicas, fatuais, sem preocupações explicativas e analíticas.

Está perspectiva já foi criticada pela história-problema proposta pela Escola dos Annales que, dentre outras características, confere ao historiador a tarefa de explicar um problema e não fazer descrevê-lo¹³. Outra crítica, de ordem mais temática, recai sobre a escolha dos biografados que geralmente são representantes das elites políticas, militares, intelectuais e artísticas,

deixando esquecidos grupos e indivíduos comuns⁵.

O gênero biográfico também foi alvo das análises de Pierre Bourdieu que na sua obra “Ilusão biográfica”¹⁴ adverte sobre a impossibilidade de produzir uma biografia, dada a inexistência daquilo que denomina de “unidade do eu”. Para o autor, não há um modo encadeado do sujeito viver sua vida, isto é, de modo lógico, linear, sem incoerências e desvios. Tal situação remete os pesquisadores à produção de repetições visto que, em grande medida, tomam os depoimentos como verdade absoluta, legitimado a constância do sujeito enquanto “nome próprio”, o que leva “irreversivelmente [a] uma pulsão narcísica socialmente reforçada”¹⁴.

Ainda sobre a questão da produção de narrativas biográficas interessa analisar a questão da representatividade de uma pessoa diante de seu contexto sociocultural. Nesse sentido é possível identificar dois modos de produção de biografias históricas: uma na qual o sujeito representa sua sociedade, incorporando suas representações e discursos^{11,15}; outra na qual a pessoa é alguém que está fora da norma^{5,16}. Nesse último caso,

a biografia pode servir para introduzir o elemento conflitual na explicação histórica, para ilustrar, matizar, complexificar, relativizar ou mesmo negar as análises generalizantes que excluem as diferenças em nome das regularidades e das continuidades⁵.

A representatividade aqui não se refere à generalização de características dos indivíduos estudados, mas pelo contrário, à problematização de sua comunidade. A biografia, portanto, pode tanto legitimizar a oficialidade dos discursos quanto desestabilizá-lo.

A ênfase na biografia, na trajetória do indivíduo, na experiência concreta, faz sentido porque a biografia mostra o que é potencialmente possível em dada sociedade ou grupo. Acredita-se que as biografias ilustram formas típicas de comportamento e concentram todas as características do grupo; mesmo as desviantes mostram o que é estrutural e estatisticamente próprio ao grupo – elas permitem identificar as possibilidades latentes da cultura e deduzir “em negativo” o que seria mais frequente¹⁵.

Mais do que dicotomizar os modos de produzir biografias considerando a questão da representatividade buscamos nesse texto registrar sua contribuição para o conhecimento de uma época, cultura e sociedade. Afinal, “uma vida pode contar outras tantas”⁸.

A narrativa biográfica na Educação Física brasileira

Infelizmente, a quase totalidade das biografias no Brasil não é encomendada ou escrita por historiadores, mas por jornalistas e outros intelectuais. Os historiadores parecem não se preocupar com essa situação, seja por considerar o grande peso da tarefa ou por estarem presos a um esquema de publicação por demais acadêmico. Embora as biografias, no Brasil como em todo o mundo ocidental, tenham bastante sucesso e encham as vitrines de lojas e resenhas dos jornais, nós, historiadores, ainda passamos longe delas. Por outro lado, a maioria das biografias realizadas não parece satisfazer os historiadores, por oscilar entre uma idealização simplista do personagem e falsas polêmicas em torno de pessoas famosas, visando a uma grande vendagem; além disso, muitas se comprazem no anedótico, não no essencial².

No que se relaciona à produção acadêmica da Educação Física e esportes tal reflexão se faz pertinente visto que grande parte das biografias existentes foi produzida por jornalista e escritores e narram os percursos, sucessos e experiências de pessoas, sobretudo de atletas renomados com destaque para algumas modalidades tais como futebol, tênis, basquete, ciclismo entre outras. Ou seja: os estudos biográficos são ainda poucos inclusive no campo da pesquisa histórica. Tal afirmação de origina de um levantamento que realizamos em realizamos todas as edições das revistas Movimento, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Motrivivência, Pensar a Prática, Revista de Educação Física e Motriz no qual identificamos que grande parte dos textos que usam narrativas biográficas não especificam esses termos nos seus campos de identificação, o que permitiu o acesso à apenas três artigos publicados^{17,18,19}. Mapeamos ainda os trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte nos anos 2007, 2009 e 2011, mais

especificamente no Grupo de Trabalho Temático Memórias da Educação Física e encontramos somente três estudos contendo aspectos biográficos^{20,21,22}.

Tais dados, ainda que pertinentes, merecem ser observados com cautela, pois a pouca incidência de biografias nesta área específica não significa que a discussão sobre sua pertinência esteja completamente ausente. Nem mesmo que inexistam iniciativas voltadas para a preservação de memórias pessoais construídas a partir de registros biográficos.

Um dos primeiros estudos a defender o uso da biografia na pesquisa em história da Educação Física e esportes foi produzido por Victor Andrade de Melo no ano de 1999, que enfatiza a contribuição da narrativa biográfica para melhor entender a relação entre o micro (indivíduo) e o macro (sociedade e cultura). Vejamos:

[...] creio que também devemos nos abster de querer estudar isoladamente a vida de um indivíduo tanto por sua irredutibilidade (a originalidade de sua vida, seus pensamentos, suas ações) quanto por sua coerência com as ideias do sistema. Mas, valioso seria compreender como/quando/porque cada indivíduo foi original e quando também não o foi, procurando analisar suas contribuições entre tais dimensões¹⁶.

Apesar do seu caráter inaugural tal indicação acontece em consonância com o movimento de “renovação historiográfica”²³ percebido na Educação Física brasileira a partir da década de 1980. A adoção novas ancoragens teóricas e metodológicas possibilitou o alargamento da noção de fonte o que, por sua vez, demandou outros olhares sobre os modos de produzi-las, inventariá-las, guardá-las e dar-lhes visibilidade e acessibilidade²⁴.

Esse movimento foi potencializado na década de 1990, com a ampliação dos programas de pós-graduação na área da Educação Física e a consequente criação de grupos de pesquisas, de eventos específicos e de ações voltadas para a preservação da memória de pessoas, grupos e instituições. Dois eixos de intervenção figuram como fundamentais ao trabalho com narrativas biográficas desde então: a adoção da História Oral como uma ferramenta teórico-

metodológica na pesquisa em Educação Física e esportes a estruturação de centros de memória e documentação nas universidades brasileiras tais como o Centro de Memória do Esporte (UFRGS), criado em 1997; o Centro de Memória Inezil Penna Marinho (UFRJ), criado em 2000 e o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (UFMG) criado em 2001.

Em geral, define-se um centro de memória como um espaço que tem como finalidade recolher e preservar acervos documentais, arquivísticos e museológicos incluindo ainda a função de divulgar aquilo que preserva. Essa intervenção é ampliada quando está inserido no contexto universitário, pois ao ato de preservar agrega-se à produção de conhecimento que “pode PARTIR do documento, mas pode também CHEGAR a definir novos documentos”²⁵. Nesse sentido interessa registrar o quanto os acervos pessoais que estão sob custódia dos centros de memória da Educação Física tem possibilitado o acesso a fontes de pesquisas outrora restritas a um universo muito particular. Vale lembrar que os arquivos de pessoas, apesar de ainda não terem gerado uma produção consolidada de estudos biográficos, têm facilitado o conhecimento sobre temas relacionados à Educação Física e ao esportes, seja em âmbito local, regional ou nacional Melo²⁶, Oliveira²⁷, Rubio²⁸, Rigo *et al*²⁹, Goellner *et al*²⁴ e Mazo³⁰.

O mesmo pode ser avaliado em relação à inserção da História Oral na produção historiográfica da área. Sua especificidade teórico-metodológica, fundamentada na realização de entrevistas, favoreceu o surgimento de registros biográficos tanto em pesquisas específicas quanto em projetos voltados para a produção de fontes e sua socialização como, por exemplo, o projeto Garimpando Memórias, desenvolvido pelo Centro de Memórias do Esporte (ESEF-UFRGS), as entrevistas do Museu da Imagem e do Som no Rio de Janeiro e em São Paulo e projeto Futebol, Memória e Patrimônio do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil juntamente ao Museu do Futebol³¹.

Nesse sentido merece destaque o livro “História Oral aplicada à Educação Física”, a primeira publicação específica da área. Lançado em 1998, a obra reúne pesquisas desenvolvidas pelo grupo de história da Universidade Gama Filho, e registra as primeiras aproximações da área com essa abordagem teórico-metodológica. Na apresentação do livro Vitor Marinho de Oliveira³² afirma que a experiência com a História Oral já se apresentava frutífera naquele período a despeito das críticas que recebia direcionadas, fundamentalmente, para questões relacionadas à veracidade do narrador. Para se contrapor a esse argumento, Oliveira utilizando-se das reflexões de Eclea Bosi sobre a História Oral tece a seguinte consideração: “com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial”³². Ou seja, a questão da legitimidade conferida à narrativa dos entrevistados é menos prejudicial que o silêncio que paira sobre determinados sujeitos e contextos.

Essas duas iniciativas (a criação dos centros de memória e adoção da História Oral) promoveu uma revitalização nas pesquisas historiográficas da área originada principalmente pela diversificação das fontes, muitas delas de cunho biográfico tais como diários, correspondências, documentos pessoais, fotos, depoimentos, autobiografias, objetos pessoais, enfim, “ego-documentos”³³ produzidos a partir da escrita ou da narrativa de si.

Passada mais de duas décadas do movimento de renovação da historiografia da Educação Física brasileira e de seus fecundos desdobramentos percebemos que apesar da diversidade de experiências de preservação de memória, ainda são poucos as biografias produzidas. Mais do que buscar razões para tal situação, o que demandaria outro tipo de investigação, buscamos aqui ressaltar sua pertinência para um maior conhecimento sobre a estruturação e consolidação da área inclusive por reconhecermos sua relevância pedagógica e também política.

A pertinência dos estudos biográficos para a pesquisa em história da Educação Física e esporte

Será que a vida de um indivíduo pode nos ajudar a compreender historicamente nossa área de conhecimento? De que forma? Não seria muito limitado pensar na dimensão histórica de uma área de conhecimento somente a partir de um indivíduo?¹⁶.

A representatividade do sujeito biografado é um tema caro aos estudos históricos. Quem biografar? Por que conferir visibilidade a alguns sujeitos e não a outros? O que a trajetória particular de uma pessoa pode revelar sobre um campo acadêmico-profissional ou sobre aspectos culturais e sociais de determinada época? O que ensina uma biografia?

Em primeiro lugar é necessário ter mente que como qualquer narrativa, a biografia prescinde de veracidade, o que implica afirmar que existem múltiplas formas de narrar um mesmo acontecimento ou ainda a vida de uma mesma pessoa³. Tal percepção indica o quanto podem ser distintas as versões sobre uma trajetória particular, visto que “os estudos biográficos podem ser de grande valia para a comprovação ou para a refutação de diversas teses consagradas”⁹. Razão pela qual, ao recorrermos à narrativa biográfica como uma fonte para a pesquisa histórica precisamos atentar à questão da representatividade no sentido de observar as condições de possibilidade que produziram o biografado como alguém cuja trajetória merece análises e reflexões. No caso específico da Educação Física e esportes: o que na trajetória da pessoa a alçou a merecer um estudo detalhado que jogue luz sobre sua vida, experiências, discursos e práticas. Em artigo que ressalta a utilização da biografia nestes campos específicos Tavalier e Costa indicam que

A área da Educação Física possui um manancial rico de acontecimentos significativos que poderão nutrir o campo biográfico utilizando-se de outras estâncias do conhecimento, como o jornalismo, o teatro, o cinema, a fotografia, a história e a semiótica. Os referidos códigos permanecem pouco explorados nessa área e podem contribuir sobremaneira não somente com novas e diferentes revelações, mas também com a elaboração

de uma nova *práxis* no ato de entender, assim como no ato de fazer a própria prática investigativa, o que poderá ajudar na abertura de trilhas para os futuros andarilhos pedagógicos¹⁸.

Essa posição epistemológica colabora para entender a própria construção destes campos visto que contribui para evidenciar os motivos pelos quais sua história é narrada a partir de algumas personagens e não de outras. Agir consoante essa perspectiva engloba aquilo que Musiedlak¹¹ identifica como a desconstrução do mito, uma vez que coloca à vista relações entre os diferentes papéis públicos e privados exercidos por uma pessoa dessacralizando, assim, o próprio biografado.

Usar a narrativa biográfica nessa direção implica tornar visíveis as forças tensionadas na produção dos acontecimentos revelando-se como um exercício pedagógico e político necessário para a pesquisa em Educação Física e esportes. Ao visibilizar trajetórias de sujeitos e grupos que estão à margem daquilo que é identificado como oficial ou representativo de determinado contexto social, político, econômico e cultural, tal atitude poderá promover a construção de outras histórias evidenciando assim a pluralidade de discursos, práticas e representações que circulam no entorno destas áreas específicas. Afinal,

Não se biografa em vão. Biografa-se com finalidades precisas: exaltar, criticar, demolir, descobrir, renegar, apologizar, reabilitar, santificar, dessacralizar. Tais finalidades e intenções fazem com que retratar vidas, experiências singulares, trajetórias individuais transforme-se, intencionalmente ou não, numa pedagogia do exemplo⁷.

Ao acreditarmos na potencialidade da narrativa biográfica como fonte de pesquisa e como instrumento pedagógico que contribui para melhor conhecermos temas relacionados à Educação Física e esportes, a identificamos como útil para o desenvolvimento de análises mais densas sobre os limites do poder e as margens da ³⁴. Além disso, reconhecemos que aquilo que narra não se refere apenas a contextos particulares de pesquisa, mas diz respeito ao que, em determinado tempo, uma área de conhecimento permitiu ou

possibilitou fazer ver. Em outras palavras: o que e quem visibilizou ou deixou nas zonas de sombra. Se considerarmos que toda a narrativa, biográfica ou não, demarca opções teóricas, epistemológicas e políticas tal assertiva se justifica para buscarmos respostas às razões pelas quais, no campo acadêmico-profissional da Educação Física e do esporte sejam os atletas, sobretudo homens, os titulares das produções biográficas.

Referências

1. Pereira, Inês. A vida dos outros. **Negócios da Comunicação**. Edição 47, 2011. Disponível em: <<http://portaldacomunicacao.uol.com.br/graficas-livros/47/artigo236379-1.asp>>. Acesso em: 13 jul. 2013, 09:30.
2. Borges, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas**. 2.ed., São Paulo:Contexto, 2010, p. 203 – 234.
3. Pesavento, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
4. Possing, Birgitte. **Biography: Historical**. Disponível em: <http://www.possing.dk/pdf/historicalbio.pdf>. Acesso: 12 out. 2012.
5. Schmidt, Benito Bisso. Biografias e regimes de historicidade. **Métis: história & cultura**. V. 2, n. 3, p. 57 – 72, jan/jun, 2003.
6. Silva, Haike Roselane Kleber da. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. **Métis: história & cultura**. V. 1, n.1, p. 25 – 38, jan/jun. 2002.
7. Carino, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 67, p. 153 – 181, agosto, 1999.
8. Del priore, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi – Revista de História UFRJ**. V. 10, n.19, p. 7 – 16, jul-dez 2009.
9. Schmidt, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos. **Estudos históricos**. V. 19, p. 3 – 21, 1997.
10. Burke, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentismo. **Estudos Históricos**. V. 19, p. 83 – 97, 1997.
11. Musiedlak, Didier. Biografia e história: reflexões metodológicas. **Revista Esboços**, n. 15, p. 103 – 109, 2007.
12. Loriga, Sabina. A biografia como problema. In: revel, Jacques (org). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 225 – 250.
13. Cardoso, Irene. Narrativa e história. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, v. 12, n. 2, p. 3 – 13, novembro, 2000.
14. Bourdieu, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: Amado, Janaína, Ferreira, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183 – 192.
15. Alberti, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.
16. Melo, Victor Andrade de. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil: panorama e perspectivas**. São Paulo: IBRASA, 1999.
17. Bartholo, Tiago Lisboa, Soares, Antonio Jorge Gonçalves. Mané Garrincha como Síntese da Identidade do Futebol Brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 169 – 191, 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2092/4836>>. Acesso em: 18 jul. 2013, 16:40.
18. Tavalier, Salo, COSTA, Vera Lúcia de Menezes. Biografia em Educação Física: sua problemática e abrangência. **Revista de Educação Física / UEM**. Maringá, v. 21, n. 1, p. 313-320, 2. trim. 2010.
19. Dalben, André. Inezil Penna Marinho: Formação de um Intelectual da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 59 – 76, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/16968/0>>. Acesso em: 18 jul. 2013, 16:45.
20. Lima, João Franco, GOMES, Christianne Luce, VAGO, Tarcísio Mauro. Trajetória de Formação e Atuação Profissional de Ethel Bauzer Medeiros, sobretudo nos Campos da Recreação e do Lazer. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 16 ed, e Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 3 ed.. 2009, Salvador. **Anais ...** Salvador, 2009. Disponível em: <<http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/CONBRACE/XVI/paper/view/1588>>. Acesso em: 11 jul. 2013, 17:20.
21. Acosta, Marco Aurélio, CASALI, Marivalda Gioveli. As Narrativas das Protagonistas da Educação Física Escolar. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 16 ed, e Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 3 ed.. 2009, Salvador. **Anais ...** Salvador, 2009. Disponível em: <<http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/CONBRACE/XVI/paper/view/922>>. Acesso em: 10 jul. 2013, 18:40.
22. Macedo, Christiane Garcia. Nilva Pinto. Uma história pela dança nas querências do Brasil. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 17ed, e Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 4 ed.. 2011, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/paper/view/3138>. Acesso em: 11 jul. 2013, 08:50.

23. Oliveira, Marco Aurélio Taborda de. Renovação historiográfica na Educação Física Brasileira. In: Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança, 10 ed., 2006, Curitiba. **Anais**. Curitiba, 2006, p. 1 – 16.
24. Goellner, Silvana Vilodre *et al.* Garimpando Memórias: esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul. In: GOELLNER, Silvana Vilodre; JAEGER, Angelita Alice (Org.). **Garimpando Memórias: esporte, educação física, lazer e dança**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p.53 – 62.
25. Chagas, Mario. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. **Cadernos de Sociomuseologia do Centro de Estudos de Sociomuseologia**, América do Norte, 2, maio, 1994. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/534/437>>. Acesso em: 15 jul. 2013, 11:35.
26. Melo, Victor Andrade de. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos : uma possível historia**. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1996. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000115544>>. Acesso em: 18 jul. 2013, 16:30.
27. Oliveira, Marco Aurélio Taborda de. Educação Física Escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 9-20, jan. 2004. Disponível em <<https://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/223/225>>. Acesso em: 18 jul. 2013, 16:55.
28. Rubio, Kátia. **Heróis Olímpicos Brasileiros**. Porto Alegre: Ed. Zouk, 2004.
29. Rigo, Luiz Carlos, Guidotti, Flávia Garcia, Theil, Larissa Zanetti, Amaral, Marcela. Notas acerca do Futebol Feminino Pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 173-188, maio 2008. Disponível em <<https://cbce.tempsite.ws/revista/index.php/RBCE/article/viewArticle/217>>. Acesso em: 13 jul. 2013, 10:20.
30. Mazo, Janice. A nacionalização das associações esportivas em Porto Alegre (1937-1945). **Movimento**. V. 13, n. 3, 2007, p. 43 – 63. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3563/1966>>. Acesso em: 18 jul. 2013, 16:50.
31. Melo, Victor Andrade de, DRUMOND, Maurício, FORTES, Rafael, SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Pesquisa Histórica e História do Esporte**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.
32. Oliveira, Vitor Marinho de (org.). **História Oral aplicada à Educação Física Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Central da Universidade Gama Filho, 1998.
33. Souza, Adriana Barreto de, Lopes, Fábio Henrique. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. **História da Historiografia**. Ouro Preto, Número 9, p. 26 – 37, agosto, 2012.
34. Levi, Giovanni. Usos da Biografia. In: Amado, Janaína, Ferreira, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 167 – 182.